

Prática educacional socioambiental empregada na validação das diretrizes técnicas da castanha-do-brasil

Vânia Beatriz Vasconcelos de Oliveira, Lúcia Helena de Oliveira Wadt e Michelliny de Matos Bentes Gama

*“A vida que leva essa gente
não é tão diferente
da vida dos seringais.”¹*

Introdução

O extrativismo da castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*) na Amazônia é uma atividade de grande importância por agregar valor socioambiental, gerar renda e garantir a segurança alimentar de comunidades tradicionais. A valorização dos produtos da sociobiodiversidade amazônica, pela inserção do produtor extrativista na economia formal, faz parte das estratégias do governo federal brasileiro, que lançou o Plano Nacional de Promoção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade (PNPPS) (PLANO..., 2009), com o objetivo de viabilizar a produção e a comercialização de produtos que inter-relacionam a diversidade biológica e a diversidade de sistemas socioculturais. O PNPPS tem como diretrizes a agregação de valor socioambiental, a geração de renda e a promoção da segurança alimentar de povos, comunidades tradicionais e agricultores familiares.

¹ Versos do poema Canto dos Castanhais, de Joãozinho Gomes, musicado por Val Milhomem.

A Rede Kamukaia, coordenada pela Embrapa desde 2005, consiste em uma rede de pesquisa que atua em todos os estados da região amazônica, visando gerar soluções tecnológicas para o manejo sustentável de produtos florestais não madeireiros (PFNM). Desde então, desenvolve estudos ecológicos para subsidiar recomendações de manejo, por meio do monitoramento da produção, regeneração e impacto do extrativismo de diversos produtos. Uma das linhas de pesquisa desenvolvida visa colaborar para a adaptação e validação das diretrizes técnicas para as boas práticas de manejo, nos sistemas de produção de castanha na Amazônia brasileira.

A valorização dos produtos da biodiversidade amazônica também faz parte das questões de pesquisa da Embrapa, uma vez que a Política Nacional de Biodiversidade (Decreto nº 4.339) estabelece como um de seus objetivos

[...] promover o uso sustentável dos componentes da biodiversidade, considerando não apenas o seu valor econômico, mas também valores ambientais, sociais e culturais. (BRASIL, 2002).

Tais questões passaram a ser discutidas, a partir de 2010, em eventos apoiados pelo Edital MCT/CNPq/MEC/CAPES/CT-AGRO/CT HIDRO/FAPS/EMBRAPA nº 22/2010² – Redes Nacionais de Pesquisa em Agrobiodiversidade e Sustentabilidade Agropecuária (Repensa) –, cujo objetivo principal foi a manutenção e ampliação da Rede Kamukaia, com a organização e disponibilização de informações, considerando a troca de saberes científicos e locais sobre o manejo florestal não madeireiro, especificamente da castanha, andiroba e copaíba, em agroecossistemas amazônicos.

Nesse contexto, como parte das ações do Plano de Comunicação e Capacitação da Rede Kamukaia/Repensa, foram realizados, desde 2010, eventos (reuniões, oficinas) em comunidades extrativistas, com objetivo de promover o diálogo com os produtores, técnicos das instituições de pesquisa e extensão rural/florestal e com parceiros, a respeito da valorização do produto e do produtor extrativista castanheiro, importante ator social do processo de revitalização do extrativismo não madeireiro na Amazônia.

² Disponível em: <http://www.cpac.embrapa.br/publico/usuarios/uploads/sage/eap/descricao_chamada052011.pdf>.

A elaboração dessas atividades observa princípios que se inserem na linha de pesquisa em comunicação denominada educomunicação, cujo conceito está relacionado aos esforços realizados pela sociedade no intuito de aproximar os campos da cultura, comunicação e educação. A educomunicação é definida como:

[...] a organização do ambiente, a disponibilidade dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de educação comunicacional. (SOARES, 2002, p. 125).

A pesquisa parte do estabelecimento da comunicação dialógica (FREIRE, 1992) e do uso do discurso socioambiental da música amazônica para a sensibilização e o estabelecimento da interação e troca de saberes, permitindo, ao final, refletir sobre a identidade social dos castanheiros e a percepção em relação à valorização do produto e de sua atividade extrativista.

A partir de experiências em comum do uso do discurso literário da música *Canto dos Castanhais* (MILHOMEM; GOMES, 2007), em distintos eventos nos quais ocorreu um processo interativo entre atores sociais do extrativismo da castanha, o foco desse relato é a interação ocorrida na reunião com extrativistas da Reserva Extrativista (Resex) Chico Mendes – Acre, com o objetivo de avaliar e validar as diretrizes técnicas para o manejo da castanha-do-brasil.

Os objetivos do trabalho foram:

- Demonstrar a viabilidade do uso de práticas educacionais para promover a participação de comunitários na avaliação e validação das diretrizes técnicas para o manejo da castanha-do-brasil.
- Discutir a percepção do extrativista castanheiro, no que se refere tanto à sua identidade social, quanto à importância e valorização da atividade que desenvolve.

Metodologia

A validação das diretrizes técnicas para as boas práticas da castanha-do-brasil pressupõe um processo de interação, cujos procedimentos metodológicos estão baseados na metodologia de Grupos Comunitários

de Estudos (OLIVEIRA, 2009), na qual se insere a proposta de realização de oficinas como espaço de “contrato de comunicação”, cuja base está situada no dialogismo, proposto por Bakhtin (1998). Ao discutir as diretrizes técnicas no grupo, estaria se processando o contrato de comunicação,

[...] um acordo tácito, no qual os envolvidos sabem como devem agir em determinada situação sem precisar ler determinadas regras ou escutar conselhos de alguém. (CHARAUDEAU, 2008, 216).

Esse acordo tácito incluiu, neste caso, as discussões sobre o valor simbólico atribuído pelos membros da Unidade Familiar extrativista ao produto castanha, considerando a identidade social a eles atribuída, de “guardiões da floresta”, pela prática de uma atividade extrativista sustentável.

A interação com a comunidade da Resex Chico Mendes ocorreu em novembro de 2011, em uma reunião na qual pesquisadores e técnicos da Rede Kamukaia apresentaram, para validação da comunidade, as diretrizes técnicas do manejo de castanhas propostas na política de produtos da sociobiodiversidade.

A Resex Chico Mendes (RECM), criada pelo Decreto nº 99.144 (BRASIL, 1990), localiza-se na região sudeste do Estado do Acre e cobre uma área total de 970.550 ha, que sobrepõem seis municípios, entre eles os de Brasileia e Epitaciolândia, que compõem a Zona Geopolítica 2 da Resex, na qual estão inseridos os seringais Filipinas e Porvir, onde a Embrapa atua. A reserva é habitada por uma população dinâmica de aproximadamente 2 mil famílias, em torno de 10 mil pessoas, que vivem da coleta de produtos florestais (como castanha, seringa, caça e pesca) e da agricultura familiar. A estrutura de gestão da Resex Chico Mendes é compartilhada com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), com a população extrativista representada pelas associações concessionárias e núcleos de base e com as instituições públicas e da sociedade civil que integram o Conselho Gestor.³

O evento contou com 24 participantes, dos quais 12 eram extrativistas (três mulheres e nove homens), representantes dos núcleos de

³ Art. 4º da Resolução nº 11, de 31 de outubro de 2008, do Conselho Gestor da Reserva.

base – Boa Esperança (3), Wilson Pinheiro II (4), Verde Floresta (4) e Associação São Luis (1) –, e 12 representantes de instituições locais de pesquisa e extensão – Embrapa (7), ICMBio (1) e o Grupo de Pesquisa e Extensão em Sistemas Agroflorestais do Acre (Pesacre) (4).

O uso de música como ferramenta auxiliar do processo de interação e discussão em grupo é uma prática educacional que se sustenta em três pilares: a oficina, como o lugar de interação; a música amazônica, como portadora de um discurso ambiental; e a percepção ambiental dos participantes da oficina, situados no contexto sócio-histórico de mobilização da sociedade para a ação cidadã, em razão da degradação ambiental (OLIVEIRA, 2010).

Nesse contexto, a música *Canto dos castanhais*, obra de artistas amazônicos, que aborda aspectos do cotidiano dos castanheiros, serviu de base para as discussões ocorridas na reunião com os produtores extrativistas de castanha-do-brasil, com o objetivo de apresentar e propor a discussão das diretrizes técnicas e adoção das boas práticas (OLIVEIRA; BENTES-GAMA, 2013).

Resultados

Construindo a metodologia dialógica

A estratégia adotada é o desenvolvimento de práticas educacionais socioambientais, uma delas envolve o uso da música-discurso *Canto dos castanhais*. O primeiro verso do poema-canção diz que “a vida que leva essa gente é um canto plangente no meio dos castanhais”. “Essa gente” a que se refere o poeta são os membros da unidade familiar extrativista da castanha-do-brasil na Amazônia brasileira, cuja vida cotidiana é apresentada no discurso literário da letra da música, sob diversos aspectos socioculturais do cotidiano, entre eles os procedimentos laborais (as atividades de coleta, quebra e transporte das castanhas), as relações sociais estabelecidas na comunidade, até a fé como suporte para as dificuldades desse cotidiano. Estimulados pela música, procede-se à reflexão sobre o quanto ela reflete a realidade da comunidade, representada pelos participantes da oficina,

parceiros em interação para a produção de sentido e elaboração de novos discursos.

A identidade castanheira

O extrativismo da castanha-do-brasil é uma atividade antiga e ainda praticada de forma rudimentar. Carece da adoção de inovações tecnológicas que minimizem a penosidade do trabalho dos castanheiros/castanheiras, como são chamados os homens e as mulheres, adultos, jovens e crianças que constituem a unidade familiar extrativista da castanha, os quais vivenciam na prática o desafio da conciliação entre a sustentabilidade na produção de alimentos e a sustentabilidade ambiental e expressam o desejo de ser valorizados. Neste trabalho, discute-se a questão da valorização do produto e do produtor extrativista castanheiro, o que inclui a necessidade de conhecer quem é “essa gente” e como se situam, enquanto atores sociais, quanto à sua inserção no mercado e sua responsabilidade pela conservação da biodiversidade florestal amazônica.

O castanheiro é representado na música *Canto dos castanhais* por uma gente triste que se apoia na fé para vencer as adversidades do seu modo de vida. O discurso literário da música foi usado pela primeira vez com extrativistas, em reunião realizada na Resex Chico Mendes, objeto deste relato de experiência. Anteriormente, o conteúdo já havia sido discutido com alunos de escola pública em uma oficina de produção de videoclipes ambientais (OLIVEIRA, 2010).

A música foi apresentada em um videoclipe produzido com imagens do trabalho desenvolvido pela Embrapa Acre naquela comunidade, além de outras imagens de lugares e personalidades do Acre, como Marina Silva e Chico Mendes. Devido à indisponibilidade de energia elétrica, o videoclipe foi apresentado por meio de um notebook, sem caixas de som externas, o que os obrigou a manter-se em completo silêncio para a audição.

A dinâmica que deu início à discussão sobre o extrativismo da castanha teve por objetivo obter a percepção dos participantes sobre a sua identidade como castanheiros e sobre a importância da atividade

que desenvolvem. Para isso, após a audição, realizou-se uma rápida discussão sobre a mensagem da música, a partir de questionamentos sobre quem seria “essa gente” de quem a música fala e se a descrição do modo de vida nela relatado representava adequadamente a realidade local. Também fizeram parte da discussão as motivações que os levaram a participar do evento, bem como possíveis dificuldades para isso (Figura 1).



Fotos: Vânia Beatriz e Lúcia Wadt

Figura 1. Reunião com extrativistas da Resex Chico Mendes.

Organização comunitária para a produção e comercialização da castanha

Na roda de conversa sobre a atividade extrativista da castanha, foi proposto que fizessem uma breve narrativa a respeito de suas histórias de vida e da expectativa de futuro em relação à atividade. O depoimento pessoal é uma estratégia para abrir o diálogo e, no caso, demonstrar que os extrativistas eram os detentores de maior volume de informações. Foram retomados versos da música, para que eles falassem da própria experiência/conhecimento em relação

à castanha. O verso “[...] tem som de facão no ouriço”, por exemplo, motivou a partilha de informações sobre as formas como quebram a noz. Eles declararam que, além de quebrarem com o facão, quebram também na dobradiça das portas, porém a prática mais frequente é a quebra com o martelo.

Essa prática possibilitou a abertura da discussão sobre a organização comunitária, uma vez que também foi objetivo da reunião entender porque os extrativistas não participavam da Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Acre (Cooperacre). A interação resultou em uma série de depoimentos, opiniões e sugestões a respeito do papel das instituições parceiras (ICMBio e Pesacre) e sobre as formas de organização cooperativa.

Com base na informação de que estudos sobre o processo de implantação de sistema de gestão de recursos naturais, em especial dos recursos florestais em regime comunitário, apontam a fragilidade das organizações comunitárias como um dos principais entraves a esse processo (AMARAL; AMARAL NETO, 2000), tomou-se como desafio buscar identificar, junto com os comunitários, formas de fortalecer as organizações, de modo a se estruturarem e criarem condições necessárias para as ações coletivas sustentadas.

Dessa forma, partindo do pressuposto de que, para a fragilidade/fragilidade física dos seres humanos, são utilizadas vitaminas, promoveu-se uma discussão no intuito de identificar quais seriam as “vitaminas” necessárias para o fortalecimento da organização social local. Para isso, compartilharam conhecimentos sobre em que alimentos (frutas e legumes) são encontradas as vitaminas recomendadas para nutrição humana. Em seguida, propôs-se a identificação das vitaminas necessárias ao fortalecimento das organizações.

Embora não explicitamente, foi perceptível a retomada pelos pesquisadores das falas sobre as “vitaminas” para o fortalecimento organizacional, identificadas nas proposições de mudança/compromissos dos participantes. Dessa forma, as vitaminas “U” de união e “C” de comunicação foram mencionadas como vitaminas necessárias ao fortalecimento organizacional.

Discussão

Não é possível compreender a identidade sociocultural do castanheiro da atualidade sem refletir sobre o percurso histórico dessa população tradicional, desde a instalação do extrativismo na Amazônia, passando pelo momento de crise da modernização da Amazônia, quando se questiona a permanência e a viabilidade da atividade extrativista, até o momento da modernidade líquida de Zygmunt Bauman, no qual se toma consciência de que

[...] o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis [...] (BAUMAN, 2005, p. 17).

A questão da valorização inclui a necessidade de conhecer a identidade social do extrativista castanheiro quanto à sua inserção no mercado e sua responsabilidade na conservação da biodiversidade florestal amazônica. Segundo Alegretti (1994), a identidade de castanheiros e seringueiros diluiu-se ao longo do tempo de acordo com as mudanças que se processaram em sua forma de organização produtiva.

O diálogo com o grupo de extrativistas revelou que os castanheiros de hoje pertencem a uma categoria organizada, que busca o seu fortalecimento para encontrar formas de produzir e se inserir no mercado. Permitiu também identificar argumentos que colaboram para a elaboração de discursos de valorização da atividade dos extrativistas da castanha-do-brasil na Amazônia, não somente a melhoria do seu processo produtivo, mas também o acesso a melhor qualidade de vida, por meio de remuneração justa e garantia de direitos fundamentais como saúde e educação. Não obstante o objetivo específico da reunião, observou-se transversalmente que há várias possibilidades de explorá-la na discussão da organização social dos extrativistas de castanha.

As atividades desenvolvidas nas reuniões com produtores extrativistas e representações da sociedade caracterizam-se como práticas educacionais recomendadas para a condução de discussões em grupos comunitários. Tais práticas pressupõem um conhecimento prévio da comunidade e da cultura local.

No caso do evento na Resex Chico Mendes, a primeira autora deste artigo, ao intermediar as discussões na roda de conversa, apresentou-se como alguém que queria conhecê-los, ouvi-los contar suas histórias. Sendo esse o primeiro contato com a comunidade, essa conduta favoreceu o diálogo. As analogias estabelecidas (vitaminas para fortalecimento do corpo humano e para o fortalecimento da organização social) e a reflexão sobre o que diz o discurso literário e a realidade cotidiana favoreceram a interação ocorrida nas atividades iniciais, bem como a condução da segunda etapa da reunião, quando os pesquisadores especialistas em manejo florestal discutiram as proposições de mudanças, diante da constatação de que os problemas relacionados à organização das comunidades representam um entrave.

Considerações finais

Na experiência aqui relatada, identificaram-se várias possibilidades de exploração do uso da música *Canto dos castanhais*, na discussão da organização social dos extrativistas de castanha. A reaplicação do uso dessa prática vem sendo realizada em outras comunidades extrativistas, bem como com representantes da sociedade, nesse caso educadores ambientais e acadêmicos de comunicação social e jovens participantes da Conferência Infantojuvenil pelo Meio Ambiente (Cnijma), ampliando assim as possibilidades de essa discussão ser levada para além das questões técnicas, transmitindo para a sociedade informações sobre o papel da Ciência Florestal, além de discutir soluções para que os objetivos de qualidade e valorização da castanha sejam alcançados, como preconizado no PNPPS (OLIVEIRA, 2012).

De forma mais abrangente, considerando-se o conjunto de eventos realizados, pode-se também afirmar que, nessas experiências, constatou-se a possibilidade de materialização da inter-relação comunicação-educação, em espaço educativo não formal, como é o caso das atividades de extensão rural/florestal, quando o objetivo é promover a difusão de soluções tecnológicas para a conservação ambiental e estimular a ação cidadã para o desenvolvimento sustentável.

Recomendações para a reaplicação dessa prática em outras comunidades extrativistas estão elencadas em Oliveira e Bentes-Gama (2013), as quais orientam possibilidades de uso da música na discussão de aspectos relacionados ao fortalecimento organizacional das associações e cooperativas. Consideramos ainda que a identificação das vozes (quem fala) e os discursos (o que se fala) sobre o papel do extrativista castanheiro podem contribuir para que a equipe de Pesquisa Florestal da Embrapa elabore produtos de comunicação mais adequados para difundir as tecnologias geradas.

A Rede Kamukaia está estabelecida, porém apresenta uma demanda por organização de informações a fim de que seja amplamente disponibilizada para a sociedade e possa ser usada na disseminação de tecnologias e práticas de manejo sustentável para os produtos da sociobiodiversidade, entre as quais estão as boas práticas da cadeia de valor da castanha, por sua importância econômica, cultural e socioambiental para a região amazônica.

O percurso metodológico empreendido no desenvolvimento de práticas educacionais socioambientais, em projetos de divulgação científica executados pela Embrapa na Amazônia, vem sendo norteados pela seguinte questão: o que faz a Ciência e o que a sociedade pode fazer? O diálogo estabelecido com os diversos segmentos de público tem possibilitado identificar o lugar e o público das atividades educacionais em espaços de educação não formal, quais sejam: a extensão rural, a popularização da ciência, a mobilização socioambiental e a ressocialização ambiental. O desenvolvimento de tais práticas quer responder à demanda por novas formas de comunicação, que possam contribuir para impulsionar a ação cidadã da sociedade e para a formulação de políticas públicas no campo da educação não formal.

Referências

- ALLEGRETTI, M. Reservas extrativistas: parâmetro para uma política de desenvolvimento sustentável na Amazônia. In: ARNT, R. (Ed.). **O destino da floresta: reservas extrativistas e desenvolvimento sustentável na Amazônia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Curitiba: Instituto de Estudos Amazônicos e Ambientais: Fundação Konrad Adenauer, 1994. p. 17-47.

- AMARAL, P.; AMARAL NETO, M. **Manejo florestal comunitário na Amazônia brasileira**: situação atual, desafios e perspectivas. Brasília, DF: Instituto Internacional de Educação do Brasil, 2000.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BRASIL. Decreto nº 4.339 de 22 de agosto de 2002. Institui princípios e diretrizes para a implementação da Política Nacional de Biodiversidade. **Diário Oficial da União**, 3 ago. 2002.
- BRASIL. Decreto nº 99.144, de 12 de março de 1990. Cria a reserva extrativista Chico Mendes. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, 13 mar. 1990.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 93 p.
- MILHOMEM, V.; GOMES, J. **Canto dos castanhais**. Interprete: Juliele Marques. In: JULIELE. 2007. 1 CD. Faixa 11.
- OLIVEIRA V. B. V. **Metodologia de produção de vídeos com uso de música amazônica para a educação científica e ambiental**. Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2010. (Embrapa Rondônia. Documentos, 139).
- OLIVEIRA, V. B. R.; GRUPOS COMUNITÁRIOS DE ESTUDOS CGE. **Metodologia participativa para facilitar o processo de gestão de recursos naturais e comunidades rurais**. Porto Velho, RO: Embrapa Rondônia, 2009. (Embrapa Rondônia. Documentos, 134).
- OLIVEIRA, V. B. V.; BENTES-GAMA, M. M. Prática educacional socioambiental aplicada em reunião com produtores extrativistas na Resex Chico Mendes, Acre. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO AMBIENTAL, 2., 2013, Aracaju. [Anais...] Aracaju: Ed. da Universidade Federal de Sergipe, 2013. Disponível em: <<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/96288/1/EICA-2013-35-Pratica-educacional-socioambiental-Resex-Chico-Mendes.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2016.
- OLIVEIRA, V. B. V.; VIEIRA, A. H.; BENTES-GAMA, M. M. O uso de música em oficina temática de biodiversidade florestal. In: HAMMES, V. S.; ARZABE, C.; RACHWAL, M. F. G.; PRIMAVESI, O. M. A. S. P. R. (Ed.). **Empresa, meio ambiente e responsabilidade socioambiental**. Brasília, DF: Embrapa; Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente, 2012. p. 201-211. (Educação ambiental para o desenvolvimento sustentável, 6).
- PLANO Nacional de Promoção das Cadeias dos Produtos da Sociobiodiversidade. Brasília, DF: MMA, 2009. 21 p.
- SOARES, I. Gestão comunicativa da educação: caminhos da educação. **Revista Comunicação e Educação**, ano 7, p. 16-25, 2002.

Capítulo 7

Construção participativa de projetos: lições aprendidas em consultas com quebradeiras de coco-babaçu no Maranhão

Marcelo Cavallari, Marcos Miranda Toledo, Roberto Porro, Guilherme Barbosa Abreu, Westphalen Luiz Lobato Nunes, José Mário Ferro Frazão e Guilhermina Cayres



Introdução

A palmeira babaçu (*Atalea speciosa* Mart. ex Spreng.) ocorre em formações secundárias nas áreas de transição entre a Floresta Amazônica, o Cerrado e a Caatinga (MAY, 1990). O extrativismo do babaçu, promovido por comunidades tradicionais, envolve vários componentes da palmeira, mas, na interação com o mercado, o fruto tem maior destaque (PORRO et al., 2013). Das amêndoas contidas nos frutos, extraem-se óleos para fins alimentícios e industriais (HERRMANN et al., 2001). Estatísticas referentes ao ano de 2011 (IBGE, 2013) indicam que o País comercializou mais de 102 mil toneladas de amêndoas de babaçu (91% no Maranhão), movimentando cerca de 140 milhões de reais. Com efeito, apesar de crescente competição com óleos de palma e palmiste, o babaçu ainda proporciona a segunda maior receita proveniente de produtos florestais não madeireiros no Brasil, apenas inferior à do açaí (*Euterpe oleracea* C. Mart.) (PORRO et al., 2012).

Vastas áreas, sobretudo no Maranhão, e também no Tocantins, no Pará e no Piauí, são cobertas por extensos e densos babaçuais (ANDERSON, 1991; ANDERSON et al., 1988), que ocupam área estimada entre 13 e 18 milhões de hectares (PROMOÇÃO...